

# Um quarto de século de investigação arqueológica

Pelo

DOUTOR MANUEL HELENO

Professor Catedrático da Universidade de Lisboa  
Director do Museu Etnológico

Impressionado pelo desconhecimento que os Portugueses mostravam do seu próprio país, pela falta duma consciência nacional e de apreço pelo que é português, o que já Simão Machado notara nas *Comédias*,

Em fim que por natureza,  
Ou constelação do clima,  
Esta nação portuguesa  
O nada estrangeiro estima,  
O muito dos seus despreza...

sugeriu o Dr. Leite de Vasconcellos ao Dr. Bernardino Machado a criação do Museu Etnográfico Português, mais tarde alargado para Museu Etnológico Português.

O Decreto de 20 de Dezembro de 1893, publicado no *Diário do Governo*, n.º 290 de 22 do mesmo mês, tornou a aspiração numa realidade.

Assim procurava o Dr. Leite de Vasconcellos enraizar o país, oferecendo-lhe a maneira de se ver a si próprio, de discernir as suas origens e características.

Três secções no Museu — a de Arqueologia, a de Etnografia e a de Antropologia — obedeciam a esse fim, bem expresso ainda hoje no artigo

1.º do seu Regulamento: «O Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos destina-se a contribuir para o estudo das origens, carácter e evolução histórica do povo português, por investigação e publicação de arqueologia, etnografia e antropologia, e pela exposição permanente de objectos arqueológicos e etnográficos e restos antropológicos, provenientes principalmente de Portugal.» (Decreto n.º 18 237, de 23 de Abril de 1930).

Para realizar o seu plano Leite de Vasconcellos calcorreou a nossa terra, efectuou, só ou com auxílio dos funcionários do Museu, escavações ou prospecções nas Orcas da Beira (em Mangualde e Nelas a da Fonte do Alcaide, Cova dos Moiros, Carvalhinha e noutros locais a do Tanque, Juncais, Forles, Matança, Fojinho, Seixinho, Bouça); nas dos arredores de Paços de Ferreira, nas de Paredes de Coura, nas de Arruda, nas de S. Geraldo (Velada, Corralejo, Casa Velha, Rocio do Montinho, Comendinha, Anta Grande da Comenda da Igreja); nas Antas dos Galvões, Apóstolos, nas de Ponte de Sor e nas da Herdade Grande da Fronteira; nos Castros do Peso (Melgaço), S. João de Longos Vales, Mantel, Castelo Velho (Alandroal); em Tróia, nos cemitérios Lusitano-Romanos de S. Bartolomeu de Castro Marim, de Marco de Canaveses (Feira), de Marateca, de Rouca (Alcandroal), Panóias de Ourique, Defesa e Cerro do Enforcado (Alcoutim); no santuário de S. Miguel da Mota (Alandroal); no cemitério visigótico de Mértola e de S. Geraldo, etc. Promoveu pelos seus colaboradores as seguintes investigações:

- a) as de Maximiliano Apolinário — Castelo de Pragança, Outeiro de S. Mamede, Castelo de Dornes, Alguber, Alcafora, S. Martinho de Sintra, Castro da Rotura, Carvalhais, cemitérios romanos de Cortiçal (Arraiolos) e da Feira Nova, Castro de Arados, Gruta de Rio Maior, etc.;
- b) as de Bernardo Sá — Outeiro de S. Mamede, Algarve, Lapa da Amoreira, Feira Nova, Castro de Arados (Marco de Canaveses), cemitério romano de Aljustrel, escavações em Beja, e visigóticas em Mértola, etc.;
- c) as de Almeida Carvalhais — Alfeizerão, Carvalhal de Óbidos, Santa Suzana (Alcáçovas), Panóias de Ourique, Alcanena (Torres Novas), Polverinho, etc.;

- d) as de Alves Pereira — no monumento do Barro, na Assenta, nos Castros de Cabreiro, na Seara, em Penacova (Arcos de Valdevez), no cemitério romano de Viana do Castelo, etc.;
- e) as de Virgílio Correia — em Vila Verde (Sintra), Castelo de Pavia e outras da mesma região, Condeixa-a-Velha, Portalegre, etc.;
- f) as de Luís Chaves — no Castro da Assenta e em St.<sup>a</sup> Vitória do Ameixial;
- g) as de Manuel Heleno — na Gruta de Amoreira de Óbidos.

Para realizar esta obra Leite de Vasconcellos teve de arrostar com a incompreensão do tempo, com a troca injusta e dilacerante que lhe fizeram algumas publicações: Estou-me a lembrar duma caricatura em que os seus ouvidos eram ninhos de aranhões!

Salvo o devido respeito por um Mestre, que muito admiro e a quem muito devo, direi, que estas escavações, como a maior parte das do tempo, foram precipitadas, incompletas, olhando mais à tipologia, do que à estratigrafia, mais ao objecto do que às circunstâncias que o rodeavam.

Não admira pois que o Museu, quando em 1929 o ilustre sábio atingiu o limite de idade, não satisfizesse, apesar de mostrar um panorama geral da arqueologia portuguesa, as ânsias do seu sucessor.

Este pretendia:

- 1.º — Não um museu etnológico continental, mas um museu imperial, onde, ao lado do estudo do povo português, tivesse eco o encontro da nossa civilização com a dos povos que descobrimos e cristianizámos;
- 2.º — Não um museu só para eruditos, dirigido, segundo a concepção de Leite de Vasconcellos «mais à inteligência dos visitantes do que aos olhos» (*Hist. do Museu Etnol. Port.*, p. 91), mas um museu para todos, ao mesmo tempo deleite e informação;

3.º — Um museu finalmente que preenchesse as lacunas da arqueologia portuguesa.

Via-se aquele portanto em presença de dois problemas fundamentais :

- a) um museológico ;
- b) outro científico.

Deve-se dizer já : Apesar da sua boa-vontade, que foi até ao sacrifício da saúde, só em parte conseguiu dar realidade às suas concepções.

### I — *PROBLEMA MUSEOLÓGICO*

A instabilidade da sede — há mais de trinta anos que se fala na sua mudança e se luta para que o Museu Etnológico não seja encaixotado, a falta de meios e de espaço nunca consentiram que o mesmo tomasse uma feição imperial.

É certo que se melhoraram as instalações — o Dr. Leite deixara-o, por falta de verba, com mostruários mastodônticos e com centenas de vidros partidos, como se fora uma casa abandonada ; porém, nunca se conseguiu achar solução capaz de vencer a decoração esmagadora do monumento, a sua luz demasiadamente crua, a ausência duma atmosfera acolhedora em galerias excessivamente extensas ; nem foi possível vencer, por falta de salas, o excesso de documentação, dar-lhe uma apresentação que a fizesse falar. Esperamos que o novo Museu, cujo programa está feito com a tríplice função de servir a cultura geral, a investigação científica e o ensino, dê realização ao ideal que concebemos e por que temos lutado.

### II — *PROBLEMA CIENTÍFICO*

Pode-se fazer uma ideia do estado da arqueologia portuguesa, quando em 1929 o Dr. Leite de Vasconcellos deixou a direcção do Museu Etnológico, pelas obras de Bosch Gimpera, Hugo Obermaier e Mendes Correia,

respectivamente *Hispania*, *El hombre fossil* e *Povos primitivos da Lusitânia e Lusitânia pré-romana*.

Apontemos os seus senões:

- 1) Investigação desordenada, como ainda hoje, interpretação mais tipológica do que funcional, mais arqueológica do que cultural, numa palavra mais *reliquiologia* do que história do homem; falta de sistematização, ou melhor, arrimo aos conceitos de Gimpera, como antes aos de Cartailac, como depois aos de Santa Olalla e aos de Gordon Childe por intermédio dos espanhóis;
- 2) um conhecimento pouco mais de rudimentar do povoamento paleolítico e um predomínio da tipologia sobre a correlação dessas indústrias com os fenómenos geológicos;
- 3) um total desconhecimento do paleolítico superior português, claramente expresso nestas palavras de Mendes Correia, *Povos primitivos*, pág. 157: — «Não sabemos bem ainda em qual destas províncias do paleolítico superior devemos incluir o território português. Não se descobriram até agora em Portugal estações típicas desta fase paleolítica.»

E a pág. 159: — «Se os restos do paleolítico superior são, um Portugal, escassos ou nulos, é lícito admitir a hipótese de que, enquanto essa fase se desenrolava no resto da Península, não se ultrapassavam aqui as formas grosseiras do paleolítico inferior, não tendo chegado a esta região as novas influências culturais».

Duvidava-se pois até da existência do paleolítico superior em Portugal e ainda em 1942 Pericot, no importante trabalho «*La cueva de Parpalló*», pág. 281 escrevia: — «En el occidente es bien sabido lo mal que se conoce todavia el paleolítico superior português». Pode-se desde já dizer que o desconhecimento desta época, onde nasce a arte e mergulham as raízes do povo português, deixou de existir e que a grande massa e variedade de estações descobertas pelo Museu Etnológico

reformam, como diz Breuil, «completamente as perspectivas da península ibérica nesta época»;

- 4) o domínio da ideia capsense e a crença no negróide *afer-taganus*, quer dizer, a génese africana do povo português e das suas primeiras culturas;
- 5) o desconhecimento do neolítico puro e das suas origens;
- 6) falta de explorações metódicas em dolmens e imprecisão da sua origem, evolução e originalidade;
- 7) um conhecimento meramente tipológico da época do bronze;
- 8) ignorância dos castros do sul de Portugal e das influências célticas e mediterrânicas neles patentes;
- 9) conhecimento rudimentar das condições da vida agrícola e urbana na Lusitânia romana;
- 10) carência de materiais para o estudo da época visigótica.

Tal o estado da arqueologia portuguesa quando em 1929 tomei conta do Museu.

a) *Paleolítico inferior.*

Pondo de lado críticas, nem sempre feitas a bem da ciência, procuramos melhorar esta situação por uma investigação aturada e nunca nos impressionou a acusação que nos faziam de não publicarmos um folheto por cada pedra que desenterrávamos. O nosso fito era mais largo: colhermos uma visão pessoal, na sua totalidade, do quadro cultural que precedeu a nação portuguesa. E assim pelo que toca ao paleolítico inferior descobrimos na região de Torres Vedras muitas estações aonde Afonso do Paço apontava apenas uma; reconhecemos nos concelhos de Óbidos e Caldas da Rainha um intenso povoamento acheulense, atestado por mais de 100 estações, com milhares de magníficos instrumentos, onde aquele pré-historiador assinalava apenas três; encontrámos em Leiria e Marinha Grande mais de 60 estações com abevilense, clactonense e acheulense, este na foz do Lis abaixo do nível actual dos mares, e numa zona aonde esta indústria

era quase desconhecida; no Ribatejo, sobretudo em Rio Maior, levantámos a carta paleolítica, sendo rara a aldeia onde não encontrámos material; e do Alentejo — Montemor-o-Novo, Alcácer do Sal, Monforte e Moura — trouxemos para o Museu preciosos elementos da mesma época.

Devemos no entanto confessar que neste campo o nosso esforço nos não satisfaz: Muito embora tivéssemos explorado uma gruta em Rio Maior, com um espólio dos princípios da pedra lascada e tivéssemos procedido a sondagens em Mira d'Aire noutra caverna com ossadas dum viado maior do que o da Furninha, a verdade é que não encontrámos destes remotos tempos uma estação cuja estratigrafia pudesse ser a chave duma cronologia. E dada a instabilidade da nossa costa, a falta de segurança dos caracteres altimétricos das praias quaternárias, a falta de depósitos marinhos com fauna distinta da fauna actual, os perigos do critério das patinas usado por Breuil, o encontro duma estação nas condições citadas era basilar para a estruturação do paleolítico antigo de Portugal. Outros serão mais felizes do que eu.

b) *Paleolítico superior.*

Mais concludentes e mais revolucionários foram os resultados que obtivemos no paleolítico superior, cujo conhecimento era, como dissemos, tão rudimentar que se chegara a não crer na sua existência.

Dois centros importantes demos a conhecer: o do Concelho de Rio Maior e do Concelho de Torres Vedras (Cambelas).

No primeiro revelamos a existência em Portugal duma série de indústrias europeias: *aurignacense* na Cabeça de Figueira, Bairradas, Pinheiro de Carneira, Vascas, Vale comprido (ao pé de Barraca) e Vale de Porcos; *perigordense*, fase gravetense, na Senhora da Luz, Casal do Filipe, Vale Comprido, Quinta Nova; *protosolutrense* e *solutrense médio* no Vale Comprido e Quinta Nova; *solutrense superior* no Arneiro, Passal e Quintal da Fonte. Nestas últimas estações exumamos pontas do tipo de *Parpalhó*, o que fez ruir por completo as concepções espanholas e sistematizações sobre a existência dum solutrense ibérico levantino, distinto do cantábrico e do ocidental. Também observámos em Rio Maior infiltrações solutrenses no perigordense da Senhora da Luz, Quinta Nova, Casal do Filipe, etc. Do mesmo modo notámos a existência dum *madalenense antigo* no Vale Com-

prido e um abundante *grimaldense* no abrigo grande das Bocas, junto às ossadas dum boi gigantesco. Este abrigo constituía um grande livro, em cujas camadas ficou escrita a vida humana desde 20 000 a. C. até à época romana.

Juntamente com o paleolítico antigo, a que já fizemos referência, encontram-se também em Torres Vedras as indústrias do paleolítico superior. Mas o centro que mereceu, em especial, a nossa atenção foi Cambelas. Fomos para ali arrastados pelo conhecimento que tivemos do encontro, por Leonel Trindade, dum fragmento de ponta solutrense, na costa, no local que dá por nome de Baio.

Era o fragmento duma peça que se perdera durante a caça e portanto era preciso encontrar a vivenda do caçador. Pela carta topográfica localizámos os pontos prováveis, fizemos o seu reconhecimento e descobrimos o que pretendíamos: O abrigo solutrense da Almoinha. Nele encontrámos estratigrafia, os limites e forma da cabana, *solutrense* e *languedocense* e até uma grande lage, junto dum lar, que servia de assento aos homens de há 30 000 anos. E não foi sem emoção que nos sentámos também e vivemos esses tempos!

Este achado foi o ponto de partida para novas investigações e encontro dum *aurignacense* na Cova da Moura, dum *madalenense* e *pós madalense* no Serrado Novo e Vale da Mata (Gentias do Meio), espécie de *azilense* sem arpões e osso.

Todas estas indústrias eram desconhecidas, ou quase desconhecidas em Portugal.

### c) *Mesolítico.*

Um dos problemas que logo de princípio pretendi encarar, dada a sua importância para o conhecimento da origem do povo português, foi o do mesolítico. Acreditava-se então que ele era de origem africana e fora trazido por uma invasão capsense. Pretendi esclarecer o problema em 1932, mas levantaram-se dificuldades e só a partir de 1934 pude satisfazer a minha ansiedade com a descoberta dum nível *tardenoisense* no abrigo grande das Bocas e de *sauveterrense* no abrigo com estratigrafia do Forno da Telha (Rio Maior). Pela primeira vez se punha à luz do

dia em Portugal um chão de cabana mesolítico e só o tornou a fazer o P.<sup>o</sup> Roche 20 anos depois!

Estes dados foram completados com a exploração do concheiro do Curral Velho nas Gentias do Meio e sobretudo com o reconhecimento e começo de estudo de seis outros concheiros no Vale do Sado, três já conhecidos (Portancho, Quinta de Baixo e Varzea da Mó) e outros três descobertos por nós: Vale de Romeiras, S. Romão e Ara Pouca.

Porque logo na primeira campanha nestes concheiros se encontraram, com rico espólio arqueológico mesolítico, 27 esqueletos, porque a estação que se está escavando está rodeada de depósitos neolíticos, estas investigações prometem a possibilidade de relação do *Homo taganus* com o *Homo Caliponensis* e o esclarecimento da origem do neolítico português.

Ainda num dos abrigos das Bocas (Rio Maior) se encontraram alguns elementos campinienses (<sup>1</sup>).

d) *Neolítico puro.*

Supunha-se que não existia neolítico puro em Portugal ou que tinha sido efémera a sua duração.

Encontrámo-lo porém em dolmens primitivos da região do Siborro (Montemor-o-Novo) e Estremoz, monumentos que revelámos à ciência e trouxeram Obermaier para a tese ocidentalista, e também na povoação do Alto das Bocas (Rio Maior) e na Gruta I da Senhora da Luz.

e) *Eneolítico.*

Para esclarecer o problema da origem dos dólmenes e da originalidade dessa cultura no nosso país explorámos em 10 anos de incansáveis trabalhos mais de 300 desses sepulcros e podemos, com base na arquitectura e nos espólios, esboçar a sua evolução em moldes diferentes dos conhecidos. Para tirar a contraprova das nossas conclusões e ver o problema na sua totalidade estendemos a nossa investigação às grutas artifi-

---

(<sup>1</sup>) Também trouxemos de Viana do Castelo para Belém, por colheita própria e oferta, uma rica colecção de picos asturienses, alguns rolados pelo mar grimaldense, quer dizer quaternários.

ciais: Carenque (Baútas e Vila Chã), Ermejeira, Quinta das Lapas e Casal da Lapa (Torres Vedras), Lapas de Torres Novas, Castros (Caldas da Rainha); e ainda às grutas naturais à procura duma estratigrafia: a da Senhora da Luz, Alcobertas, Rocha Forte e outras de Montejunto. Estávamos já com um conhecimento pleno das moradas dos mortos e quisemos conhecer também as residências dos vivos: Explorámos por isso no Alentejo (Siborro) o Castro do Cavaleiro e a povoação das Covas do Bufo e os chãos de Cabana do Lavre; em Rio Maior as vivendas do Alto das Bocas e do Cabeço do Marco (Senhora da Luz); procedemos ainda a prospecções com Abílio Roseira no Castro de Carnaxide.

f) *Bronze.*

É uma época cujo conhecimento é entre nós ainda rudimentar e a nossa contribuição foi aqui de menos vulto.

Além da aquisição de numerosos achados avulsos, explorámos as cistas do Lavre, um nível de bronze no abrigo grande de Rio Maior e sobretudo o Oiteiro de S. Bernardo (Moura), com um conjunto metálico e cerâmico de muito valor.

Também no campo da arte, onde já contávamos com dois dólmenes pintados do Alentejo, um deles com figura antropomórfica, descobrimos o santuário da Almoinha (Alentejo) com representações humanas e de animais bastante estilizadas gravadas num docel, e em Ribeira de Pena grandes lages com centenas de figurações insculpidas, umas da época do bronze e outras da do ferro.

E já que falo de arte do bronze não quero deixar de assinalar a oferta que me foi feita por um grande benemérito do Museu, Sr. Manuel Gomez Sóza, duma nova tampa sepulcral insculturada encontrada em Castro Verde. E não devo deixar no esquecimento as importantes aquisições das jóias dos Tesouros de Pragança, Moura, S. Pedro do Sul, Aljustrel, etc., etc.

g) *Época do ferro.*

A nossa atenção dirigiu-se para o sul, onde a civilização castreja estava por estudar.

Com a colaboração do meu antigo aluno Dr. Frago de Lima esca-

vámos o Castro da Azougada (Moura) e sós o da Cabeça de Vaiamonte. Além dum fundo céltico, representado por muita cerâmica e por fíbulas do La Tène I, observámos o reflexo das influências mediterrânicas manifestas em vasos pintados ibéricos, *enochoés*, contas de pasta vítrea, moedas ibéricas e outras e fragmentos de taças campanienses. Também as necrópoles não foram desprezadas: Fizemos um reconhecimento no campo de urnas da Chaminé (Vila Fernando), cuja exploração iniciada por Dias de Deus, pensamos continuar; estudámos a necrópole de Vila Nova de Milfontes, com contas fenícias e brinco de ouro, e esperamos poder continuar e esclarecer as investigações realizadas na malfadada necrópole de Alcácer do Sal.

Adquirimos também várias inscrições ibéricas e notáveis peças de ourivesaria, entre as quais sobressaem o bracelete de Estremoz e o Tesouro do Baião, com argolas, colar e diadema análogos aos da dama de Elche.

i) *Época lusitano-romana.*

Com a morte de Leite de Vasconcellos os estudos desta época entraram em franca decadência.

Para ajudar a reconstituir a vida rural de então, empreendemos a exploração da sede dum grande latifúndio e puzemos a descoberto a *villa* romana de Torre da Palma, que, a par de notáveis mosaicos, nos deu agora a surpresa duma basílica de tipo africano e dum batistério crucial visigótico; e estamos ressuscitando o porto romano de Tróia, único em Portugal, cujas termas estão já à vista e onde já tivemos ocasião de encontrar e explorar uma necrópole assente numa camada do século I e com sepulturas sobrepostas, numa altura de 7 metros, dos séculos II, III, IV e da alta idade média.

Também explorámos os cemitérios romanos de Estremoz da Herdade da Silveirona, Monte da Boa-Vista e de S. Bento do Cortiço; adquirimos um espólio constituído por escudelas e copo de prata, anel e colar de ouro com pedras preciosas duma sepultura de Grandola e o tesouro da Borracheira também com um colar, brincos, anéis de ouro, 40 áureos e colheres de prata.

Fizemos prospecções nas *villae* da Granja (Crato) e do Carrão (Vila Fernando), na da Caveira em Torres Novas, na da herdade da Coelha

(Estremoz) etc. E assim julgamos ter alargado o conhecimento da época lusitano-romana e aprofundado o mesmo, com aplicação à dita, o que se não tem feito, do método estratigráfico.

j) *Época visigótica.*

A transição da antiguidade para a idade média e bem assim a época visigótica podem considerar-se uma noite na nossa arqueologia.

Alguma luz lhe procuramos dar com as explorações de dezenas de sepulturas no cemitério do século VI da Silveirona e com a recolha das suas inscrições romanas e visigóticas; com o estudo dum cemitério da mesma época, aberto numa povoação eneolítica, no Monte do Pombal (Torre de Palma), com os sepulcros cavados ou construídos nos templos da *villa* de Torre de Palma.

Eis o índice, muito embora incompleto, do meu labor nestes últimos 25 anos, a primeira parte e a mais difícil do meu plano. Seria impossível, tratando-se de centenas de estações e de muitos milhares de objectos, tirar aqui todas as conclusões. Limitar-me-ei por isso a esboçar alguns problemas e a prometer tratá-los circunstanciadamente em futuros trabalhos.

### CONCLUSÕES

Para me não tornar importuno abordarei apenas três problemas:

- 1.º — Quando viemos?
- 2.º — Donde viemos?
- 3.º — O que criámos?

Não podemos aceitar o homem terciário português — o *Homo Ribeiroi*, que Carlos Ribeiro defendeu, baseado nos sílices de Ota. Razões antropológicas, geológicas e técnicas opõe-se a isso.

Mas depois do encontro por Breuil nas praias de 90 metros de Açafora e Magoito de peças abevilenses muito roladas pelo mar siciliano, da descoberta de indústrias em Marrocos em praias deste mar, datadas

por fauna, podemos recuar a existência humana no território português aos princípios do pleistoceno.

Da África, pelo estreito de Gibraltar, talvez, interrompido, teria alastrado uma vaga humana, portadora do *coup-de-poing*, que veio inundar todo o nosso território.

A descoberta do *Atlanthropus*, em Ternifine (Norte de África), com fauna pós-vilafranguense e indústria chelo-clatonense assegura-nos a existência dum *pithecanthropido* no solo nacional pelo menos até aos princípios dos meados do quaternário.

Esta cultura africana é porém substituída por uma de lascas, oriunda da Europa, empurrada para o sul pelos frios, em especial pelos glaciares do Wurm. Trá-la o homem de *Neandertal* que se cruza com o primeiro e produz, com a fusão das suas técnicas, o chamado mustierense de tradição acheulense.

Até às minhas investigações supunha-se que esta população tinha perdurado durante todo o leptolítico e que o *Homo-sapiens*, com a sua utensilagem de osso, com a sua especialização industrial baseada na lâmina, com a sua vocação artística, apenas se tinha estabelecido na região franco-cantábrica.

O resto da península, e portanto Portugal, julgava-se ter sido dominado por uma vaga africana, denominada capsense.

Assim tínhamos ao norte, na região franco-cantábrica, uma civilização introduzida pelo homem de Cro-magnon, com uma arte naturalista e animalista e uma indústria de tipo europeu; no ocidente, levante, centro e sul uma outra trazida por uma raça negróide, com uma indústria de tipo africano, uma pintura sintética, futurista, em que a figura humana era o tema principal.

As investigações que realizei em Rio Maior e depois estendidas a Cambelas e outras feitas em Espanha provocaram um verdadeiro terremoto em todas estas concepções. Como Diogo Gomes, ao chegar à zona tórrida, — «salvo, diz ele, o devido respeito pelo ilustríssimo Ptolomeu tudo encontrámos ao contrário», podemos dizer também: Salvo o devido respeito pelos ilustríssimos arqueólogos que nos precederam — Gimpera, Obermaier e outros, tudo encontrámos ao contrário.

Nada de africano; ao contrário todas as indústrias da Europa ocidental da época têm larga representação no nosso país e por elas pudemos

concluir que foram as raças europeias — a de Cro-Magnon, Combe-Capelle e Chancelade — que, eliminando o homem de Neandertal, constituíram o primeiro e mais importante extracto da nossa etnogenia.

As numerosas estações aurignacenses, perigordenses, solutrenses, madalenenses e grimaldenses que descobrimos e que atrás citámos são a prova disso.

Donde vieram estes novos povos?

Como se escalonaram?

Qual a sua importância para o estudo das nossas origens?

É o que vamos ver.

O grupo industrial aurignacense e perigordense parece ser oriundo da Ásia Menor e pela Hungria e Baixa Áustria atingiu o Ocidente e infiltrou-se na Península Ibérica pelas passagens oeste e oriental dos Pirenéus.

A sua chegada ao território português é tardia e a primeira onda é representada pelo homem de Aurignac (Cro-Magnon), portador do aurignacense médio ou típico.

Ocupa em especial a região cantábrica, mas estende-se para o sul pela costa e atinge as regiões de Rio Maior (Cabeço da Figueira, Bairradas, Castro, Vale Comprido, Pinheiro da Carneira, Vascas, Vale de Porcos, etc.), a de Cambelas e de Santa Cruz, onde apresenta, segundo o P.<sup>o</sup> Roche, analogias com a cultura francesa do mesmo nome.

Pela mesma época descem também dos Pirenéus os perigordenses ou gravetenses em grande quantidade. Pertencem à raça de Combe-Capelle (Cro-Magnon oriental) e chegam ao nosso território nos princípios do perigordense superior. Espalham-se densamente por todo o centro e sul da península e nesse espesso estrato mergulham as mais profundas e fortes raízes do povo português. Eles encontram-se representados por uma indústria sem imaginação, por poucos buris de ângulo e à Noailles, por lâminas com retoque marginal, e raspadores em quilha ou em extremidade de lâmina. Pertencem-lhes as estações, por enquanto únicas, de Rio Maior — Bairradas, Castro, Figueiredos, Panasqueira, Quinta Nova, Marmeleira, Via-Vai, e sobretudo Vale Comprido, Senhora da Luz e Casal do Filipe e as de Gentias do Meio em Cambelas.

Estas populações perduram por todo o paleolítico superior, foram contemporâneas dos solutrenses, de quem sofreram influências, e chegam

ao final do quaternário, como o prova o grimaldense do Abrigo Grande das Bocas, que não é outra coisa senão um perigordense muito evoluído, já microlítico.

### *Solutrense.*

Durante o gravetense, e talvez mesmo no aurignacense médio, um povo armado de arco e flecha, conhecendo o retoque facial, munido de pontas poderosas que lhe davam superioridade de armamento, espalha-se por toda a península em bandos, vivendo a par da população perigordense, muito mais numerosa.

Não se sabe bem se a técnica do retoque facial que usavam foi inventada na península, ou se veio de fora.

Pericot e Miss Caton Thompson supõem-na de origem africana, relacionada com o esbaiquiense ou com o ateriense. Mas os estudos recentes de Antoine e Menghin demonstraram:

- 1) Que não há um esbaiquiense, mas um complexo colhido à superfície de várias idades;
- 2) que na África se não conhecem pontas pedunculadas com retoque dos dois lados;
- 3) que o ateriense se associa a instrumentos levalloisenses e mustierenses e que é inverosímil que as flechas pedunculadas se estendessem à Península Ibérica sem o conjunto que as acompanha;
- 4) que as pontas aterienses são mais modernas.

Esta interpretação não é pois de aceitar.

Segundo a *teoria clássica* o solutrense nasceria dum acheulense prolongado, existente na Hungria e nos Balcans, e daí passaria a França e entraria na Hispânia pelos Pirenéus.

Para Santa Olalla e Francisco Jordá o solutrense do Mazanares e o levantino teria o seu foco originário na Espanha e as pontas pedunculadas ibéricas teriam exercido forte influência no território francês.

A gruta Mugharet-el-Aliya de Tânger seria a testa de ponte do solutrense espanhol em África.

Portanto, Pericot pensa que o solutrense veio da África para cá, Santo Olalla de cá para África.

Breuil mostra o antagonismo existente entre as indústrias africanas e as da gruta de Parpalló: as primeiras são de lascas, talhadas por percussão, as segundas de lâminas e obtidas pelas técnicas de percussão e pressão.

Ele aceita várias origens para o solutrense: húngara-balcânica, madri-lena, franco-cantábrica e até africana.

Qual pois a origem do nosso solutrense?

Só há pouco se conhece o solutrense português. Descobrimo-lo em 1937 na estação do Vale Comprido em Rio Maior. Antes falara nele Joaquim Fontes, mas sem fundamento.

Estudos posteriores do Museu Etnológico revelaram importantíssimas estações do mesmo período e o seu material permitiu a revisão dos espólios existentes nos Museus.

Deste modo pôde verificar-se que o solutrense se encontra espalhado por quase todo o país, mas mais especialmente pelo vale do Tejo e pelo litoral.

Assim em Trás-os-Montes a estação do Brunheiro, considerada até aqui acheulense; na Estremadura as grutas da Furninha e Ponte da Laje (Oeiras) e no litoral o abrigo de Cambelas e as estações da Praia de Santa Cruz, estudadas por Olivier; no Ribatejo o protosolutrense do Vale Comprido, o solutrense médio desta estação, da Quinta da Pena, do Cabeço de Figueira, o solutrense superior do Arneiro, Passal e Vale de Marinhas e Quintal da Fonte; no Alentejo um depósito de folhas de loureiro perto de Évora Monte.

O estudo destes ricos espólios permite-nos estabelecer a origem ocidental desta indústria e concluir que dos Cantábricos, com as folhas de base convexa, se teria estendido a Trás-os-Montes e pelo litoral e vales dos rios ao restante país. O do Alentejo poderia ter descido do Vale de Manzanares.

O encontro das pontas pedunculadas do tipo de Parpalló nas estações do Passal e das Vascas permite-nos regeitar a tese de Cerdá da existência de dois solutrenses, um de *facies* cantábrica e outro de *facies* ibérica; afirmar a originalidade dessa civilização no nosso solo, onde as influên-

cias francesas (pontas à *cran*) se fundem com as ditas ibéricas; admitir a provável existência dum centro originário das pontas pedunculadas, donde teriam irradiado para o levante e para Portugal.

*Madalenense.*

Com o abaixamento da temperatura provocada pela 4.º invasão glaciária, precisamente no auge, surge a infiltração dum novo povo, mas cujos reflexos no nosso país foram muito menores.

Sabe-se que estas hordas, em que predominava a raça de Chancelade, vieram da Europa, mas não se conhece ao certo o seu centro de origem.

Obermaier julga-as francesas, mas hoje supõem-se da Europa Oriental, ou talvez da Sibéria.

Peyrony julga-as um retorno dos antigos aurignacenses, agora de posse duma indústria de osso.

Qualquer que seja a sua origem podemos dizer que a primeira vaga deste povo entrou na península pelo oriente dos Pirenéus e que depois uma outra passou aos Cantábricos pela parte ocidental da mesma cordilheira.

Nos Cantábricos estabeleceram-se densamente, já num período avançado, e daí seguiram, pelos planaltos, para a região de Madrid e pelo litoral para Portugal para a Cova da Moura (Cezareda), para as estações do Cerrado Novo, Gentias do Meio e Vale da Mata (Cambelas), para o Vale Comprido (Rio Maior) e para a gruta da Ponte da Lage (Oeiras).

No levante os madalenenses alargaram-se para o sul, para uma zona aonde não chegou a rena, na qual sobressai a gruta de Parpalló.

Ao mesmo tempo, e dominando quase em absoluto no nosso território, coexistiam os epigravetenses, descendentes dos antigos perigordenses (Abrigo das Bocas), os quais absorveram as infiltrações solutrenses e madalenenses e formaram a base do povo português. Esta base é como se viu exclusivamente europeia e perdura no mesolítico e neolítico, como em seguida se verá.

(*Continua*)

